

### Havel e João Paulo II: “Atrevo-me a dizer que éramos amigos”

“Atrevo-me a dizer que éramos amigos”, declarou Václav Havel sobre João Paulo II no seu livro de recordações “Prosím stručně” (Seja breve, por favor). As suas boas-vindas a João Paulo II quando visitou a Checoslováquia em 1990, revelam essa sintonia intelectual e cordial.

Nesse discurso de boas-vindas pronunciado no aeroporto de Praga a 21 de abril de 1990, Václav Havel pôs em relevo que a queda do comunismo devia ser interpretada a uma luz diferente da habitual nas análises políticas.

“Não estou seguro de saber o que é um milagre. Apesar disso, atrevo-me a dizer que neste momento participo num milagre: o homem que há seis meses era preso como inimigo do Estado encontra-se aqui no dia de hoje como presidente desse Estado, e dá as boas-vindas ao primeiro Papa que visita este país em toda a história da Igreja Católica.

“Não estou seguro de saber o que é um milagre. Apesar disso, atrevo-me a dizer que nesta tarde participarei num milagre: hoje, no mesmo lugar onde há cinco meses nos encheu de alegria a canonização de Santa Inês da Boémia, nesse dia em que se decidiu o futuro do nosso país, nesse lugar, digo, o principal representante da Igreja Católica oficiará missa, e provavelmente vai agradecer à nossa Santa, a sua intercessão perante Aquele em cujas mãos repousa o curso impenetrável de todas as coisas.

“Não estou seguro de saber o que é um milagre. Apesar disso, atrevo-me a dizer que neste momento participo num milagre: a um país devastado pela ideia do confronto e pela divisão no mundo, chega o mensageiro da paz, do diálogo, da tolerância, da estima e da tranquila compreensão, o mensageiro da unidade fraternal na diversidade.

“Durante estas longas décadas, o Espírito Santo foi desterrado do nosso país. Tenho a honra de presenciar o momento em que o seu solo é beijado pelo apóstolo da espiritualidade. Seja bem-vindo à Checoslováquia, Santidade”.

No encontro de João Paulo II com as autoridades no castelo de Praga, Václav Havel manifestou no seu discurso a alegria que sentia ao receber o irmão eslavo que lutou para reconquistar a civilização do espírito contra o materialismo do regime comunista. Traduzimos alguns parágrafos.

“Santidade: Num dos seus poe-mas, interroga-se: ‘Pode a História fluir contra a corrente da consciência?’ É óbvio a que se referia com esta pergunta: a História não pode fluir para sempre contra a consciência. Tinha razão, como também a tinham aqueles que não perderam a esperança (...).

“Dou-lhe as boas-vindas, em primeiro lugar e mais importante, como Chefe da Igreja Católica; e alegro-me, juntamente com todos os católicos, de que tenha aceite o nosso convite.

“Dou-lhe as boas-vindas como cristão, cuja visita é aclamada não só pelos católicos, como por todos os cristãos. E não só isso: estou na verdade firmemente convencido de que todas as pessoas de boa vontade se unirão à alegria que os cristãos sentem pela sua chegada.

“Também lhe dou as boas-vindas, Santidade, como eslavo que entende a nossa língua e que a fala; recebo-o como um grande filho da nação polaca irmã.

“E talvez porque experimentou pessoalmente o carácter desumano de um sistema totalitário, vinculou o seu pontificado à ideia dos direitos humanos. A nossa luta pela liberdade também nasce des-ta grande ideia, e a nossa política atual reconhece-a. Portanto, dou-lhe as boas-vindas também como nosso mestre e companheiro de batalha que aprecia o valor da paz, da tolerância, da liberdade e do respeito mútuo.

“Além disso, dou-lhe as boas-vindas como o escritor, o intelectual e o homem de cultura que é. A nossa revolução tem uma clara dimensão cultural com a qual se irá sentir próximo (...).

“(...) Estou persuadido de que a sua visita nos fará recordar a todos que a fonte genuína da autêntica responsabilidade humana é uma fonte metafísica. A sua visita far-nos-á recordar (...) o horizonte absoluto para o qual nos devemos orientar; essa misteriosa memória do Ser em que cada um dos nossos atos é recordado e, nela e por ela, adquirem por fim todo o seu valor. Neste encontro com vossa Santidade, dar-nos-emos

conta de que acima do nosso trabalho quotidiano, se ergue algo que, desde tempos imemoriais, se tem chamado Céu.

”Mais e mais pessoas se estão a aperceber de que o futuro da raça humana sobre esta Terra depende cada vez mais daqueles que conseguem não pensar somente neles próprios, mas atuar considerando o bem dos outros. Sim, o futuro da humanidade apoia-se hoje sobre a civilização do espírito, da responsabilidade e do amor”.

## Coreia do Sul: excelência educativa, ao preço da infelicidade

A Coreia do Sul é um país de sucesso devido ao seu progresso económico nas últimas décadas, baseado especialmente na excelência da educação. No entanto, outros indicadores revelam o lado escuro dessa mudança: uma percentagem muito baixa de satisfação com a própria vida (36% contra uma média de 59% na OCDE), pouca confiança nas instituições políticas e a taxa de suicídios mais elevada da OCDE (31 por 100.000). Em fundo, uma paisagem competitiva feroz no mundo laboral e mais ainda na educação.

Em 2010, segundo dados do próprio Ministério da Educação, 146 estudantes suicidaram-se na Coreia do Sul, incluindo três do ensino primário. Num país onde o suicídio está bastante enraizado na cultura, pode-se conjecturar que nem todos os casos se relacionaram com o asfíxiante sistema educativo.

Mas o próprio governo de Seul começa a dar sinais de preocupação. Sobretudo, depois de as últimas mortes terem salpicado o Kaist (Instituto Avançado de Ciências e Tecnologia, em Dae-jeon), uma das instituições universitárias mais prestigiadas do país. Em alguns meses, suicidaram-se quatro estudantes e um prestigiado professor, embora este último caso pareça estar relacionado com uma acusação de possível fraude que estava a ser investigada.

Embora os suicídios tenham afetado também o ensino secundário, concentram-se nos estudantes universitários. Na Coreia do Sul, 80% dos jovens vão para a Universidade, mas o importante é entrar numa instituição de prestígio. Mesmo existindo uma prova geral seletiva para entrar no ensino superior, é cada vez mais frequente que as universidades – mais de 70% são privadas – exijam aos candidatos a ultrapassagem de um exame próprio. Estas provas são conhecidas entre os estudantes como *Sihom chiok*, o inferno dos exames, e podem determinar em grande parte a futura vida profissional e, inclusivamente, social dos estudantes.

O objetivo para muitos deles consiste em obter lugar nalguma das três universidades de ponta do país, conhecidas pelas siglas SCY: a Universidade Nacional de Seul, a Universidade da Coreia e a Universidade de Yonsei. Formar-se numa destas três, significa praticamente assegurar um futuro próspero.

Também o caso do Kaist é paradigmático sobre a evolução do sistema educativo sul-coreano em apenas três décadas. Transformou-se numa universidade de referência no mundo da tecnologia. Para selecionar os seus alunos – só aceita 1.000 novos por ano – realiza uma prova própria centrada em conhecimentos científicos, pelo que a maior parte dos que entram no Kaist estudaram em escolas especializadas neste campo.

A exigência continua uma vez que se entra na instituição. Por iniciativa do atual reitor, um sul-coreano que frequentou aulas durante muitos anos no MIT, por cada centésima que as classificações baixem do 3 – sobre uma pontuação máxima de 4,2 –, os estudantes deverão pagar um aumento na matrícula. Para os outros, o custo da educação fica quase totalmente por conta da universidade.

Muitos consideram que a pressão que implica esta medida se situa por detrás dos suicídios dos quatro estudantes. Depois da morte do último deles, o conselho de estudantes emitiu um comunicado no qual se expressava esta inquietação: “estamos presos numa concorrência implacável que nos afoga”.

Nos estudos comparativos internacionais, como o PISA, os estudantes coreanos de 15 anos são os primeiros em compreensão de leitura (PISA, 2009), os terceiros em matemática e os décimos em ciências (PISA, 2006). Mas isto é à custa de uma grande pressão sobre o estudante.

A obsessão por ingressar numa das melhores universidades também transfere essa concorrência para o ensino secundário, e explica a impressionante recorrência a centros privados que complementam o ensino escolar, os chamados *hagwon*.

Os *hagwon* são instituições privadas, por vezes, parte de uma cadeia e, outras vezes, independentes, que oferecem um complemento educativo em diversas matérias nas quais se especializam. Um mesmo aluno frequenta muitas vezes alguns *hagwon*, para além do ensino formal, de modo a reforçar diversas áreas, pelo que a jornada do estudante se prolonga às vezes até à noite.

Alguns especialistas veem nos *hagwon* a causa dos espetaculares resultados obtidos pelos estudantes sul-coreanos. O sistema de ensino formal estabelece uma carga de 900 horas letivas anuais, situando-se na média da OCDE. Mas, somadas às que passam nos *hagwon*, perfazem jornadas escolares que chegam com frequência às 11 horas diárias.

Criticou-se os *hagwon* por provocarem um círculo vicioso na educação: os estudantes acabam exaustos as suas jornadas nos *hagwon*, pelo que, no dia seguinte, rendem menos durante as suas horas de ensino formal, de tal forma que cada vez se tornam mais dependentes do que aprendem fora das aulas.

Também se criticou os *hagwon* por incentivarem as diferenças educativas entre ricos e pobres. As famílias coreanas gastam mais dinheiro em aulas particulares e academias, do que fazem as famílias em qualquer outro país da OCDE. No

entanto, a maior parte delas matricula os seus filhos nestas instituições, mesmo que para isso tenha de apertar o cinto.

Esta mentalidade é influenciada pelo passado recente do país. Muitos dos pais que agora pressionam os seus filhos a acederem a uma das melhores universidades, cresceram num clima de penúria económica e educativa, em consequência da ocupação japonesa e da posterior guerra civil. O “milagre coreano” da segunda metade do século XX deixou na psicologia dos seus habitantes uma forte determinação de conseguir a prosperidade económica, fosse ao preço que fosse, e entendem que a educação é o primeiro passo.

A criação de escolas especializadas em ciência e tecnologia, ou o empenho em mimar os superdotados, que levou a aprovar uma lei específica no ano 2000, são mostras do interesse do Estado em explorar ao máximo os seus “recursos humanos”, num país com escassos recursos naturais. A excelência educativa converteu-se numa empresa nacional, e o patriotismo dos sul-coreanos reforçou a responsabilidade de “estar à altura do país”.

A isto juntam-se outros fatores culturais, como o sentido de respeito, quase veneração, de que gozam os pais e os professores na tradição coreana: “Não deves pisar nem a sombra do professor”, diz um refrão sul-coreano. Os filhos e alunos autoimpõem-se a obrigação de não defraudar as expectativas neles depositadas, e essa imposição, às vezes, afoga-os.

Contudo, a brutal competitividade do sistema não explica por si só a elevada taxa de suicídios nem a insatisfação geral com a vida que se propaga na Coreia do Sul. O suicídio ganhou raízes na cultura sul-coreana, e converteu-se numa solução demasiado habitual para todo o tipo de frustrações.

Um exemplo é a onda de suicídios que se seguiu ao de Cho Jin-Shil, uma das atrizes mais populares da televisão sul-coreana, a qual muitos jovens tinham convertido no ícone da juventude da Coreia do Sul. Em outubro de 2008, a famosa atriz e modelo apareceu enforcada na sua casa. Tinha apenas 39 anos. Durante o mês posterior à sua morte, aconteceram mais de 700 suicídios que a polícia relacionou com o da atriz.

A solidão e a pressão geradas pelo frenético estilo de vida, e a forte autoexigência, incidem especialmente em grupos sociais como o relacionado com o espetáculo ou o dos estudantes. No comunicado que alguns alunos do Kaist leram após o quarto suicídio, podia-se observar: “nem sequer pudemos dedicar 30 minutos aos nossos infelizes companheiros de estudos devido aos deveres”; e num estandarte exibido por alguns companheiros durante o ato de despedida à terceira vítima, os estudantes queixavam-se: “não temos espaço para partilhar as nossas dificuldades com amigos”.

Mas não poderiam ter decidido dedicar esses 30 minutos aos seus companheiros, mesmo que fosse à custa de baixar um pouco as suas notas? Não é isto uma obsessão com o sucesso?

A realidade é que só 80% dos sul-coreanos pensam conhecer alguém a quem recorrer em necessidade. A média da OCDE é 91%. Não parece que recorrer à cirurgia plástica, às melhores universidades, ou aos gigantes industriais como a Samsung ou a Hyundai possa ajudar esses outros 20%.

F.R.-B.

## “Las empresas sociales”

### “Building Social Business”

Autor: Muhammad Yunus

Paidós  
Barcelona (2011)  
256 págs.  
Tradução (para castelhano): Agustín López Tobajas e María Tabuyo.

“Quando uma crise se encontra no auge da sua intensidade, pode oferecer uma oportunidade enorme. Quando as coisas se desmoronam, podemos redesenhar, reprojeter e reconstruir”. Com esta perspetiva, Muhammad Yunus – economista, Prémio Nobel da Paz e fundador do Grameen Bank – oferece neste livro uma sugestiva alternativa na luta contra a pobreza: as empresas sociais.

Para o pai do microcrédito, a empresa social constitui “mais um passo” na sua longa experiência na luta para erradicar a pobreza: “De cada vez que queria resolver um problema social ou económico, procurei fazê-lo criando um negócio à sua volta”. Assim, Yunus concebe a empresa social como um novo tipo de negócio, uma entidade que se sustenta a si mesma, porque gera os rendimentos suficientes para cobrir os seus próprios custos, uma empresa sem prejuízos nem dividendos e que se dedica integralmente a conseguir um objetivo social.

Embora o livro reúna estudos de casos concretos de empresas sociais, a intenção de Yunus não é demonstrar a viabilidade deste modelo de negócio em termos económicos ou de desenvolvimento. Para o autor, a empresa social constitui uma nova dimensão do capitalismo, que propõe outra interpretação da natureza humana: a de que o ser humano é capaz de atuar desinteressadamente e não movido exclusivamente por motivações egoístas. Partindo desta nova forma de capitalismo, abordam-se as empresas sociais como uma nova ferramenta de desenvolvimento e mais uma opção para os investidores.

Yunus acredita firmemente que é possível acabar com a pobreza. A sua confiança na capacidade do homem para consegui-lo, se se enquadrar nas motivações e ferramentas adequadas, é um sopro de ar fresco dentro da abordagem

exclusivamente reivindicativa e muitas vezes “antissistema” que se costuma ouvir em muitos “teóricos do desenvolvimento”.

O livro constrói uma “teoria da empresa social” muito prática, que inclui ideias úteis sobre como implementar este novo conceito na luta contra a pobreza.

R. V.

